



Os apreciadores de vinhos ganharam uma esplêndida noite *no bistrô Grand Cru*

PAG.8



O Bistrô Grand Cru foi palco do Grand Tasting, um evento especial de degustação de vinhos de cinco vinícolas internacionais de referência, tendo José Sobral Neto e Gabi como anfitriões

Uma noite de sucesso foi o baile de formatura em Medicina de *Giovanna A. Gomes*

PAG. 6 e 7

Divulgação



CENA

belíssima do filme épico de Christopher Nolan A Odisseia (2026), em cartaz nos principais cinemas de São Luís. Com visuais surpreendentes e foco para o retorno de Odisseu à Ilha de Itaca, o material também dá foco ao seu elenco estelar composto por Matt Damon, Tom Holland, Anne Hathaway, Robert Pattinson, Charlize Theron, Jon Bernthal, Lupita Nyong'o, Zendaya, Mia Goth, entre outros

PAG. 7

Houve um tempo em que as cidades também podiam ser apreciadas pelo nariz. Suas carteiras de identidade podiam ser pressentidas pelo dom do olfato.

Lisboa, por exemplo, tinha o cheiro do mofo dos seus velhos sobrados, ou, no outono, do agradável cheirinho das castanhas que assavam nos fogareiros de esquina, comandados por matronas embrulhadas em xales negros. Como num fado popular, cantavam o seu produto em pregões que atraíam a freguesia. E vendiam suas castanhas num cartucho de papel-jornal, habilmente fechado através de uma dobra mágica, consumada com apenas uma das mãos.

São Luís tinha o cheiro da maresia subindo a Praça Pedro II. O cheiro de mar vinha da Baía de São Marcos, subia a Montanha Russa e só se dissolvia lá pela fonte, já na ante-sala da Catedral.

O cheiro que hoje emana de São Luís é o do mesmo dióxido de carbono de toda cidade poluída, dominada pelo automóvel. O cheiro do bazar marinho – como se estivéssemos comendo uma ostra pelo olfato – esvaiu-se por algum desvão do tempo e nunca mais será sentido. Levaram nosso mar pra longe, e com ele a identidade da cidade velha, perfeitamente respirável o Largo do Desterro e a Praça João Lisboa.

Ali, naquele pequeno núcleo citadino, anos

LEMBRANÇA

de uma São Luís que eu ainda conheci e que deixou cheiros de saudade no ar

1960, podia-se sentir a maresia subindo a praça, como se fosse uma “filha de Maria”, rumo às principais igrejas de São Luís. Ali estavam estacionados alguns marcos da geografia social da cidade, como o Hotel Ribamar, as bancas de revistas, o Moto Bar, a Fonte Maravilhosa e o Café Serra Negra, espécie de secretaria geral do PSD.

Com o Hotel Central, inaugurado nos anos 40 do século passado, a cidade conheceu o seu primeiro elevador. E o primeiro bar de hotel, onde, por algum delírio da imaginação, poderiam ter se encontrado para um “vin d’honneur” o maestro Tommy Dorsey, o nosso mais culto crítico de cinema, Bernardo Tajra, e a atriz Ingrid Bergman – talvez na pré-estreia de Casablanca, no ano de 1943. Na verdade, Tommy Dorsey e sua orquestra deixaram o velho Casino Maranhense, na Rua

Grande, correndo, após se verem no meio de uma briga que pipocou no salão – era “tome bog” pra todo lado, comentavam as pessoas no dia seguinte –, e, um ano depois, Ingrid deixaria de ser a “namoradina do Mundo” para se transformar na amante do invejado Roberto Rossellini. Bernardo Tajra resistiu até o final do milênio, quando viu fechada a última sala de cinema de sua família. Em seguida, saiu de fininho e foi conferir os filmes da eternidade.

Foi a partir dos anos 1950 que a cidade começou a mudar sua fisionomia, em busca desse – hoje se sabe – indesejado cosmopolitismo. Começaram a surgir as primeiras avenidas e os primeiros prédios altos. O Edifício João Goulart, na Pedro II. O Edifício BEM, na Rua do Egito. O Edifício Caiçaras, na Rua Grande, e o Edifício São

Marcos, no Monte Castelo. A partir dos anos 1970, com a abertura da cidade para o São Francisco e a Ponta d’Areia, surgia uma nova São Luís, onde em qualquer esquina o céu era (e é) o limite.

Mas naquela década, pelo menos na cidade velha, ainda era perfeitamente possível atravessar-se a rua lendo um jornal. Nossas “carruagens” eram “carros-de-cavalo”, nossos táxis atendiam pelo epíteto local de “carros-de-praça” – e eram pilotados por condutores apelidados de “Perfume”, “Quincas” ou “Xodó”, entre outros.

O mundo girava em torno daquele quadrilátero da Praça João Lisboa, tendo por epicentro o Moto Bar. A cidade tinha nome e sobrenome. Do seu patrulhado microcosmo, emergiam os casos extremados da paixão existencial. E os adultérios reuniam platéias de Moto x Sampaio...

A vida parecia mais “risonha” e o Mundo menos truculento. “Aquele” moleque de calça curta vindo do interior, “sem amigos importantes e sem dinheiro no banco” tinha crédito para abastecer-se na caderneta da venda do Lauro. De onde saía com “provisões” de balas queimadas ou azedinhas – ou os desejados torrões de amendoim.

De todo esse nostálgico “dégor”, resta apenas uma saudade que nunca passa e muitos telhados de sobrados que tombam sobre um chão de história.



Fotos/Divulgação

Vista da paisagem, de dois ângulos, da Bravo Pousada Design

LAZER EM AMBIENTE PARADÍSICO

Existe um lugar no litoral do Rio de Janeiro que é muito procurado por famílias que buscam lazer num ambiente paradisíaco.

A Bravo Pousada Design é o pedacinho do paraíso na orla da Passagem, em Cabo Frio (RJ), bem em frente ao Canal do Itajuru e com vista para a Ilha do Japonês. A arquitetura e os ambientes projetados para compor um cenário exuberante junto à natureza proporcionam uma experiência convidativa ao descanso e à contemplação.

A Pousada fica no charmoso e histórico Bairro da Passagem, em Cabo Frio (RJ), bem em frente ao Canal do Itajuru e com vista para a Ilha do Japonês. Com localização privilegiada, a pousada está cercada pelas melhores praias, próxima ao centro da cidade.

Quem está passando esta semana por lá é Nazi Holanda de Alencar, com suas filhas Marcia (mora em São Luís), Mércia (reside em Miami-USA) e Marta Maria da Conceição, que o seu coração adotou quando ela ainda era criança e que reside no Rio com os filhos e o marido.

O reencontro da família está sendo uma festa de amor, de recordações e de muito afeto.



Uma linda escultura em frente à Pousada



Nazi e Marta Maria da Conceição



Luana, Nazi, Lara e Marta



As irmãs Mércia, Marta Maria e Márcia



Márcia com a filha Nathália de Alencar Cavalcante e o neto Davi Cavalcante



Luana, Mércia Almeida, Nazi, Lara (neta), Marta, Márcia, Davi (bisneto) e Nathália (neta)



Luana e Lara, filha de Marta, Márcia, Mércia e Nazi



Nazi com a neta Nathália e o bisneto Davi



Fotos/Divulgação/ Herbert Alves

asdaMaria Luiza Miranda, Déa Trinta Paes, Kátia Rocha, Ana Albuquerque, Cida Valadão, Rose Medeiros, Melina Fernandes, Flávia Ferraz, Ana Elvira Buhatem, Thatiana Bandeira e Ligia Silva

TARDE PERFUMADA NO GRAND CRU

A confraria de casais que se reúne todo sábado para degustar bons vinhos no bistro Grand Cru, tem um dia especial só para elas. É quando se encontram para festejar com almoço a aniversariante ou as aniversariantes do mês.

A última reunião foi toda dedicada a Rose Medeiros, que mudou de idade no dia 24 de junho, mas comemorou a data durante uma viagem pelos Estados Unidos.

O encontro teve bolo de Penha, muito champagne e clima de muita alegria e simpatia numa tarde especialmente perfumada.



Cida Valadão, Rose Medeiros, Melina Sereno Fernandes



Kátia Rocha, Rose Medeiros e Ligia Silva



Rose Medeiros e Thatiana Bandeira



Flávia Ferraz e Melina Fernandes



Maria Luiza Miranda e Vida Valadão



Ana Elvira Buhatem, Rose Medeiros e Ana Lúcia Albuquerque



Déa Trinta Paes e Rose Medeiros

À maneira de Borges ou não

Se eu vivesse outra vez, trataria de ganhar mais dinheiro para não precisar jamais dele. Cuidaria de ficar longe do Brasil e das pessoas, principalmente daquelas que se devotam ao ódio e à vulgaridade, às trevas e à inveja, e ríem de hábito como as hienas, e eventualmente mordem como os cães pouco afetuosos.

Tentaria gostar de praias ensolaradas ao contrário de preferi-las frias e sem banhistas, como nos filmes suecos de Ingmar Bergman.

Perderia tempo jogando baralho, tivesse ou não trunfos na mão, para ter a certeza de que nada é mais urgente do que a falta de urgência.

Procuraria amar uma quantidade maior de pessoas do que seria capaz, a fim de restar cansado para ouvir o fôlego das plantas sobre relvas e rastrear o hálito das flores.

Procuraria esconder a tibia vontade de ficar só entre cadeiras antigas, memórias que se esticam como elastômeros e velhos chinelos egressos dos pés dos espíritos.

Dispensaria todos os veículos para andar somente a pé e urdiria meu ócio até que eu próprio não me reconhecesse.

Felizmente, não terei outra vida.

Narrativa falsa

Uma das histórias falsas que mais circulam nas eleições brasileiras é a ideia de que, se a maioria dos eleitores votar nulo, a votação inteira seria anulada.

Essa conversa começou a aparecer nos anos 2000, espalhada por correntes de e-mail e fóruns online.

Com o avanço das redes sociais, a tese volta a ganhar força a cada eleição.

À primeira vista, parece fazer sentido: se ninguém quiser os candidatos, seria preciso começar tudo de novo, com outros nomes. Mas isso simplesmente não acontece.

Narrativa falsa...2

No Brasil, o que define uma eleição são os votos válidos, ou seja, aqueles em que o eleitor escolhe um candidato. Votos nulos e brancos não entram na conta. Servem apenas para estatísticas.

Em um caso extremo, se apenas uma pessoa votar de forma válida, esse único voto já basta para decidir o resultado.

A confusão vem da interpretação errada do artigo 224 do Código Eleitoral, que prevê as regras para a realização de novas eleições caso a Justiça Eleitoral anule mais da metade dos votos.

O texto se aplica apenas à chamada nulidade jurídica, em situações como fraude, abuso de poder econômico ou cassação de candidatos. Nessas situações, sim, pode haver nova votação.

Narrativa falsa...3

Foi o que aconteceu recentemente em Cachoeirinha, na região metropolitana de Porto Alegre, onde os moradores tiveram que escolher prefeito e vice em abril deste ano, após a cassação dos eleitos em 2024. Isso é bem diferente de apertar a tecla do voto nulo de propósito.

O próprio Tribunal Superior Eleitoral já explicou que o voto nulo digitado pelo eleitor não tem peso algum no resultado. O mesmo vale para a abstenção.

Ainda que mais da metade do eleitorado deixe de comparecer às urnas, a eleição não é automaticamente anulada.

Os votos válidos de quem compareceu continuam definindo os vencedores.

Narrativa falsa...4

O grande problema dessa narrativa falsa é a capacidade de desmobilizar parte dos eleitores.

Ao se abster ou anular o voto, o cidadão não derruba o sistema. Ele simplesmente transfere seu poder de decisão para terceiros.

Depois, não adiantará reclamar do resultado. As urnas seguem como instrumento legítimo de transformação política, mas exigem participação e dispensam teorias inúteis alimentadas pela desinformação.

Latro, latronis

Ladrão é uma palavra interessante, nascida no Latim arcaico.

Latro, latronis designava aquele soldado do príncipe que ficava “ao lado”, para servir de “segurança” ao poderoso. Depois, a palavra e os soldados se corromperam.

Aquele que “servia” tornou-se mercenário e salteador. Extensivamente, passou a designar todo aquele que furta mediante fraude ou rouba utilizando a violência. Juridicamente, sua extensão é bem maior: designa o infrator que desvia ou se apodera de qualquer maneira de bens alheios.

Assim, tanto designa o larápio quanto o estelionatário, o depositário infiel, o peculatório, o grileiro, o golpista e o finório de lato sentido.

Latro, latronis é substantivo de grande popularidade no Brasil de hoje.

Folclore do peixe

São Luís, a cidade dos casos e ocasos: um senhor bem apessoado se aproxima de um dos balcões do Mercado de Peixe e pede o maior pargo que está em exposição.

Colocado na balança, o peixe registra 2,5 quilos. Em seguida, o cliente diz que quer que o pargo seja limpo, mas a cabeça poderia ser jogada fora.

Imediatamente, um homem que estava próximo ouvindo a conversa pede para ficar com ela. O comprador, de pronto, atende o pedido e pede para o vendedor entregar a cabeça do peixe para o homem, que vai embora na maior felicidade.

O comprador diz que vai dar uma volta enquanto o peixe é limpo. Até hoje estão esperando-o voltar para pegar o resto do pargo e, principalmente, pagar pela encomenda...

Já a cabeça, claro, deve ter dado um excelente caldo.

MEMÓRIA



O registro é da última grande homenagem que prestamos ao icônico cantor João do Vale (1934-1996), com a presença de Maria Bethânia, que cantou para o Brasil a música Carcará, de autoria dele. O encontro, no Hotel Quatro Rodas, teve a presença da então governadora Roseana Sarney

REGISTROS QUE DÃO SENTIDO À VIDA

Já disse aqui e volto a repetir: As fotografias antigas funcionam como portais afetivos: uma única imagem desbotada tem o poder de despertar emoções, reatar laços com o passado e resgatar sensações esquecidas, como a voz de um ente querido ou o clima de uma época que não volta mais.

A fotografia é uma ferramenta essencial para congelar o tempo, resgatar afetos e dar concretude às

lembranças que o tempo tenta apagar.

Uma imagem captura expressões, sorrisos e detalhes que a nossa mente, com o passar dos anos, pode esquecer.

Olhar para uma foto antiga ativa a memória afetiva, permitindo reviver a alegria ou a emoção daquele instante exato.

Os registros visuais mostram de onde viemos, aproximando

gerações e contando a história de antepassados que não conhecemos pessoalmente.

O registro de festas, ruas e famílias fortalece a identidade e valoriza as narrativas do próprio povo.

Fotos antigas – repito – não apenas nos mostram o que aconteceu; elas podem mudar fundamentalmente a forma como nos lembramos do passado.



Encontro deste Repórter PH com a lendária cantora de jazz Nancy Wilson (1956-2011), que aplaudi no começo deste milênio em show no Blue Note, em Nova York



Freddy Cole (irmão de Nat King Cole) teve um encontro com este Repórter PH nos anos 1990, no bai do Hotel Hilton, na Sexta Avenida, em Nova York



O ultimo entro do Repórter PH com o saudoso amigo Sérgio Bittencourt (1941-1979) ocorreu em São Luís, no Hotel Quatro Rodas, uma semana antes de sua morte em julho de 1979. Sua música “Naquela Mesa”, gravada por Nelson Gonçalves era o sucesso do momento



Beth Carvalho (1946-2019) foi uma grande amiga e, pelo menos duas vezes veio fazer shows em São Luís, a convite do Repórter PH – no Clube Jaguarema e no Almoço do PH Revista no Hotel Quatro Rodas



Walesca (nascida Maria da Paz Gomes, 1941-2016) foi uma importante cantora e compositora brasileira, batizada de “Rainha da Fossa” pelo poeta Vinícius de Moraes. Veio várias vezes a São Luís a convite do Repórter PH, de quem se tornou grande amiga. Na foto, entre o PH e o saudoso colunista Benito Neiva

Cãodomínio

Se existe uma coisa que exige grande dose de bom senso é aquela relacionada com proprietários de animais em condomínios.

Primeiro, deve o proprietário saber que nem sempre o seu vizinho é apreciador de animais. Até pode ser fã dos bichos, mas desde que soltos em quintais apropriados ou extremamente educados, se criados em apartamentos.

Todo dia surge uma nova história de animais morando em condomínios.

Tem a da moradora de um condomínio do Renascença II que sai à noite e o cãozinho, saudoso, chora, late e bate no chão sem que a dona tome providência.

Viver em condomínio é uma arte. E criar bichos de estimação em apartamento é tarefa apenas para gente bem educada.

Cãodomínio...2

Mais uma vítima e refém de um dos “cãodomínios” que infestam a cidade de São Luís, provavelmente o Brasil inteiro, acha que a indústria da construção civil logo descobrirá novos nichos de mercado. Como de moradores que não querem cachorros nem gatos nos prédios, muito menos fumantes, ou mesmo áreas de festas, boates ou bares por perto. Eles só querem sossego.

Imóveis nestas condições, cada vez mais segmentados, surgirão muito em breve nas regiões urbanas mais densamente povoadas.

Leonor e leonetetes

Na época em que Chacrinha brilhava na televisão brasileira como apresentador de programa de auditório, tinha como atração as “chacretes”, belas mulheres que figuravam como dançarinas de palco.

Lembro-me com saudade da extraordinária figura humana de Leonor Filho, por conta de um programa de auditório que lançou pioneiramente na TV Difusora, denominado “Bar de Melodias”, que se assemelhava ao de Chacrinha.

Do programa, também participavam garotas dançarinas que procuravam imitar as “chacretes” e Leonor as chamava de “leonetetes”.

Investimentos imobiliários

Quem imagina que os investimentos imobiliários em São Luís se concentram prioritariamente nas áreas das praias e adjacências, onde as megaempresas de construção civil erguem edifícios refinados e luxuosos, não sabe o que vem acontecendo em outros espaços da cidade.

Nas áreas periféricas ou suburbanas de São Luís, investimentos imobiliários de monta também estão sendo feitos e é expressiva a procura por moradias construídas em conjuntos habitacionais modernos e confortáveis.

Em tais espaços, além dos investimentos do governo federal, do programa Minha Casa, Minha Vida, chama a atenção o volume de metros quadrados construídos e o número de unidades habitacionais licenciadas pela Prefeitura de São Luís.

Diante do número relevante de imóveis em fase de construção, nas áreas nobres e periféricas da cidade, as empresas construtoras, pela falta de mão de obra nativa, já começaram a importar operários de países vizinhos.

Folga eleitoral

Quem observar a relação dos candidatos às eleições proporcionais no Maranhão se surpreenderá com o expressivo número de habilitados a participar do pleito.

Mas quem tiver o cuidado de olhar a ficha profissional dos candidatos aos mandatos de deputado federal e estadual, vai constatar que a grande maioria deles faz parte do contingente de funcionários públicos.

Ao registrarem suas candidaturas, esses servidores, por um lado, sabem que não terão a menor chance de se eleger, mas, por outro, estão assegurados, pela legislação eleitoral, do direito de não trabalhar durante três meses, sem prejuízo dos vencimentos.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O presidente da ACM, Antonio Moraes Rego Gaspar e a esposa Flávia com um grupo de associados que prestigiou o jantar



O presidente da ACM, Antonio Moraes Rego Gaspar, com o Repórter PH



Rosângela e Francisco Neto



Ana Izabel Azevedo



Marco Moura da Silva e Karina



O Repórter PH com Lenny Giffoni



Magnólia Rolim e Jacira Haickel

ACM: 172 ANOS DE HISTÓRIA

A Associação Comercial do Maranhão, mais antiga entidade empresarial do estado, celebrou com um jantar no Restaurante da Juja, na noite de 21 de agosto, seus 172 anos de história, reafirmando seu protagonismo no fortalecimento do setor produtivo maranhense.

Para marcar a data, a instituição preparou uma programação especial de eventos voltados ao empreendedorismo, inovação, conexões de negócios e fortalecimento do associativismo.

O calendário comemorativo foi aberto no dia 5 de agosto, com o lançamento do Aplicativo ACM Vantagens, plataforma desenvolvida para ampliar os benefícios oferecidos aos associados, reunindo, em um único ambiente digital, uma série de vantagens exclusivas, como descontos especiais em produtos e serviços, além de condições diferenciadas em planos de saúde, ticket alimentação e diversos outros convênios firmados pela entidade. O aplicativo também disponibilizará notícias, eventos, informações institucionais e facilitará o acesso aos serviços oferecidos pela ACM.

Para o presidente da Associação Comercial do Maranhão, Antônio Gaspar, “Celebrar os 172 anos da Associação Comercial do Maranhão é reconhecer uma trajetória construída em defesa do empreendedorismo e do desenvolvimento econômico do nosso estado. Ao mesmo tempo, é olhar para o futuro. Nossa gestão tem buscado modernizar a entidade, aproximá-la ainda mais dos empresários e

entregar soluções que gerem valor real para os associados.”

No dia 12 de agosto, a entidade promoveu o evento Maranhão Mais Negócios, que reuniu grandes empresas e oportunidades de investimentos. Foi um dos maiores encontros empresariais do estado, realizado no Residencial Recepções e reunindo empresários, investidores, especialistas e representantes de grandes empresas para discutir o potencial econômico do Maranhão e as oportunidades de desenvolvimento em diferentes setores.

Encerrando a programação especial da semana de aniversário da entidade, no dia 13 de agosto, também no Residencial Recepções, foi realizada a sexta edição do Collab Jovem 2026, iniciativa da ACM voltada ao incentivo ao empreendedorismo, inovação e liderança.

A programação incluiu palestras, painéis, compartilhamento de experiências, networking e oportunidades de conexões entre jovens empresários, empreendedores e profissionais interessados em inovação e desenvolvimento de negócios.

Há 172 anos, a Associação Comercial do Maranhão faz parte da história do desenvolvimento econômico do estado, reunindo e representando o setor empresarial e fortalecendo o associativismo.

Para fechar com chave de ouro a celebração dos 172 anos da entidade, foi realizado um jantar no Restaurante da Juja, no Brisamar Hotel, reunindo alguns dos empresários mais representativos do Maranhão.



Deolindo Rodrigues, Antonio Gaspar, Roberto Albuquerque e Júlio Noronha



O presidente da Fecomércio-MA, Maurício Feijó, com Júlio Noronha, Antonio Gaspar, Jenilce Pavão e Roberto Albuquerque



Maurício Feijó ao lado da placa comemorativa dos 172 anos da ACM



O superintendente da Fecomércio-MA, Max de Medeiros



Paula Goulart e José Reis Junior



Alfredo Viana, Antonio Gaspar e Pedro Robson Holanda da Costa



Lorena Bessani e José Gonçalves Neto (Gonçalvinho)



Desembargadores José Bernardo e Tyrone Silva fazem moldura para Maurício Feijó e o advogado José Alencar



Rodrigo Vilarinho e Francisco Alexandre de Melo Neto



Maristela Escabim e Flávia Gaspar



Lenny e Robério Giffoni



Celso Gonçalo e Mariza



Lou Marques e Jacira Haickel



Lauren (Assessora de Comunicação da ACM)



Antonio Moraes Rêgo Gaspar e esposa Flávia



Virgínia e Roberto Reis de Albuquerque



Deolindo Rodrigues, Antonio Gaspar e Gonçalvinho



Flávia Gaspar, Maristela Escabim e Virgínia Albuquerque



Odilon Duarte e Antonio Gaspar



Antonio Gaspar, Deolindo Rodrigues, Julio Noronha e o Repórter PH



Retrato (em óleo sobre tela) de Juja, que dá nome ao restaurante



Lauren, Magnólia Rolim, Jacira Haickel, Antonio e Flávia Gaspar, Lou Marques, Maristela Escabim, Ana Izabel Azevedo e Lilian Lobo



O IRMÃO

a mariano cassas

bailarino à beira do
abismo
lançando flores à
multidão
sofreu mais que
todos
a longa viagem dos
sentidos
numa procissão de
delírios

a vida foi uma droga

companheiro em
queda
de elevado netuno
o álcool o batizou
a maconha o incensou
a droga o consagrou
a vida foi uma droga

Javé o fez
primícias do eterno
menina e menino
mas a sociedade o
condenou
à temporada no
inferno

a vida foi uma droga

sofreu mais que
todos
mastigando a luz
em pedacinhos
cruzando olímpico
o deserto de santo
antão
em sapatilhas de
plutão

a vida foi uma droga

das rachaduras do
humano
emergiu figura
luminosa
e tocou-lhe o
coração
então deu um salto
quântico
à estação do
espírito

e sentiu-se
renascido
com um buquê de
narcisos

Luis Augusto Cassas

Fotos/Divulgação/



Milenne Azevedo com sua filha Giovanna Azevedo Gomes e seu pai Luciano Gomes



Dra Yone Azevedo com a neta materna Giovanna Azevedo Gomes



Márcia Vale e o marido Luciano Gomes com a jovem doutora Giovanna Azevedo Gomes

O BAILE DE MEDICINA

O baile de formatura em medicina é sempre uma festa muito bonita, concorrida e repleta de significados para celebrar a conquista do diploma médico. Giovanna Azevedo Gomes, que colou grau em dezembro de 2025, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Maranhão, em Pinheiro-MA, esperou mais de seis meses para realizar, com os demais formandos de sua turma, o tão sonhado Baile de Formatura.

E esse momento mágico foi vivido numa bonita casa de eventos em São Luís – o Buffet Ximenes –, no dia 22 de agosto. Ao lado da mãe Milenne Azevedo, do pai e padrinho Luciano Gomes, da avó Yone Azevedo e dos irmãos e amigos, ela dançou a valsa. E rodopiou no salão com o pai, o irmão e o companheiro Gustavo Cutrim, que já está fazendo clínica médica e cola grau em dezembro. Tudo num clima de muita emoção e alegria.



Daniela Sarney e Luciano Gomes



Luciano Gomes e Márcia Vale, Yone Azevedo, Giovanna Gomes, juíza Ilva Salazar e Milenne Azevedo



Giovanna Gomes com André Gaspar e Maria Fernanda



Giovanna com as tias Isabela Gomes, Gabriela Azevedo Fernandes e a mãe Milenne Azevedo



Marilze e Carlos Magno Cutrin (pais de Gustavo Cutrin) com Márcia Vale e Luciano Gomes



Giovanna Gomes com o primo Bruno Fernandes e a namorada Rafaela



Luciano Gomes e a filha Giovanna como o outro filho, Leonardo Azevedo Gomes e a noiva Carolina



Dra. Yone Azevedo com a neta Giovanna e a Dra. Adriana Santana



Amigas Isabela Ferreira, Juliana Lima e Letícia Chaves com Luciano Gomes



Giovanna Gomes com a avó juíza Ilva Salazar



Luciano Gomes entre Rafaela Matos e Keila Matos



As irmãs Giovanna e Rafaela Gomes



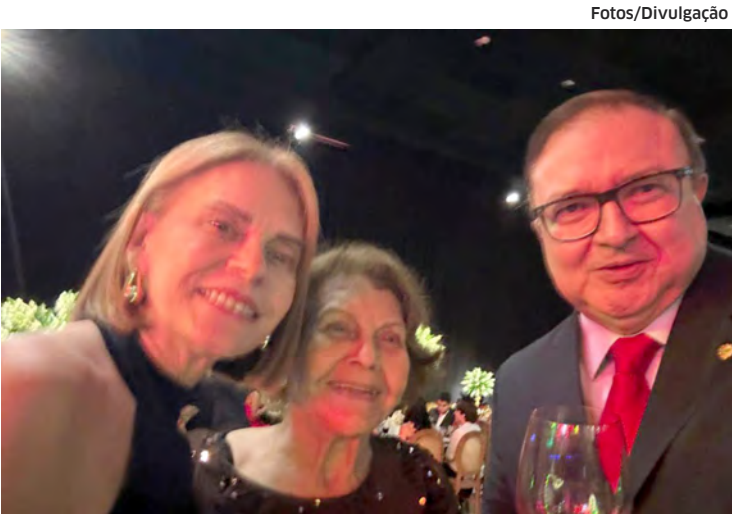
Igor Guarã com Rafaela Gomes e sua amiga (neta de Dra. Josete Sarney Lobão), Valentina Sarney Lobão



Giovanna Azevedo Gomes com seu companheiro Gustavo Cutrim



Gilton Morgan de Aguiar com sua noiva Gabriele Macedo, Luciano Gomes e Isadora Lage



Luciano Gomes com sua eterna cunhada Isabella Azevedo Gomes e sua eterna sogra Dra. Yone Azevedo



Keila Matos e Eduardo



Luciano Gomes com seu genro Gustavo Cutrin



Luciano Gomes com o amigo e colaborador de sempre Joel Amorim



Luciano Gomes entre Davi Toledo, Carla Maria Lisboa Fernandes e Gabriela Dantas



Giovanna e Luciano Gomes com as amigas formandas Kathyusses Caldas Galvão e Bruna Oliveira



Shara, Luciano Gomes e Yago Sarney (neto de Dra. Josete Lobão)

Comprando histórias

O escritor Mário Corso conta que em maio de 2023, uma emissora de TV belga resolveu fazer uma pegadinha. Em parceria com o sommelier Eric Boschman, compraram um vinho barato de 2,5 euros. Colocaram o vinho em uma garrafa de aparência sofisticada, criaram um nome fictício e elegante para a bebida: Château du Colombier.

Feito isso, inscreveram o vinho no concurso internacional Gilbert & Gaillard.

O vinho barato ganhou uma medalha de ouro na competição, alcançando 88 pontos numa escala de 100.

Os jurados o descreveram como: paladar suave, vigoroso e rico; aromas jovens e limpos; de uma agradável complexidade.

Comprando histórias...2

A propósito: em 2015, surgiu um novo restaurante em Milão especializado em hambúrguer. O visual era minimalista, iluminação aconchegante e garçons elegantes. Os hambúrgueres eram servidos em tábuas de madeira. E é claro, havia um trololô sobre a origem especial dos ingredientes.

Durante uns dias, críticos gastronômicos e influenciadores elogiaram a alta gastronomia da casa.

Depois disso, a rede McDonald's anunciou que o restaurante era seu e que os pratos eram exatamente iguais aos que ela vendia nas lojas comuns. Tudo era uma estratégia de marketing para penetrar no difícil mercado gastronômico italiano.

Comprando histórias...3

A empresa de sorvetes Häagen-Dazs surgiu em 1961 no Bronx, em Nova York. O casal de imigrantes poloneses, Reuben e Rose Mattus, apesar de um bom produto, não conseguia fazer frente às grandes marcas de sorvete da época. Então mudaram de nome para algo que parecesse dinamarquês.

A palavra foi inventada, não existe em nenhuma língua. Para ajudar, colocaram um mapa da Escandinávia no rótulo. Voilà, agora eles vendiam um produto de qualidade superior, por parecer europeu e tradicional.

Comprando histórias...4

O que esses três casos nos ensinam é que não consumimos apenas um produto, adquirimos a história que envolve o objeto. Foquei no efeito placebo gastronômico, mas todos os produtos são atingidos por essa lógica que envolve a ideia de raro, artesanal e premiado.

Comprar uma história é comprar um lugar simbólico. Por isso a pergunta que vale a pena não é “como não cair nesses truques”, mas outra, mais incômoda: quando escolho algo caro, é o objeto que desejo, ou a imagem de mim mesmo valorizada que ele promete devolver?

Um sopro poético

Um sopro de beleza te trouxe até o mundo...

Um renascentista pintou teus lábios...

Uma deusa chamada vida desenhou teu corpo...

E te ergueu como escultura e te banhou com o brilho das águas...

Cupido logo tratou de te dar amor, mas foi a paixão que te embebedou de sensualidade...

Uma chama se acendeu dentro de ti e te deu energia, magia e encanto...

E uma fada revelou teus mistérios e te encheu de virtudes por dentro...

E por fora és como aquarela. Vibras como as cores...

És realce nas sombras. E te mostras e te permites ao mundo que te veja por inteira, menina ou mulher...

linda, ousada, toda.



A Odisseia com Matt Damon (Ulisses) e Zendaya, que é Athena no filme

O PESO DO MUNDO NUM ODISSEU REINVENTADO

Instigado pelo debate e espantado com o êxito de bilheteira, fui ver A Odisseia, de Christopher Nolan. Ia de pé atrás, pelo que via escrito quanto a anacronismos e concessões aos fantasmas do nosso tempo. Mas, depois de quase três horas de aventuras, devo dizer que atirei para trás das costas essas desconfianças e saí mais contente do que entrei.

Vejo esse tipo de filmes sem andar à procura de rigor, seja na fidelidade à obra, seja na reconstituição histórica. Vejo-os como projeções no passado das “mitologias” e das ansiedades de cada presente – como neste âmbito já me acontecera tanto com o épico de 1954, com Kirk Douglas, como até com a sátira metafórica de Federico Fellini sobre “a nave (que) vai”.

Anacronismos? Sim, vários. O mais divertido é ver Odisseu (como se diz nas falas, ou Ulisses, como se diz nas legendas) a chamar Idade do Bronze ao tempo que ele mesmo vivia, dizendo melancólico que estava chegando ao fim. Fantasmas do presente? Sim, estão por todo o lado. Talvez os mais óbvios sejam os de representar como negras tanto Helena, “a bela”, como Atena, “a dos olhos esverdeados” (ou “olhos garços”, como Ana Lúcia Albuquerque me ensinou ser melhor dizer). Mas também outros menos evidentes, como a entrada triunfal de Agamenon em Tróia, ao estilo e com silhueta de Star Wars, ou a representação dos Lestrigões como quase-robôs gigantes fortemente coraçadados, quando o poema homérico os descreve selvagens e nus.

Originalidades inconsistentes? Sim, algumas. A mais extraordinária é colocar o cavalo de Tróia (que no poema homérico só é referido em evocação lírica pelo bardo cego Demódoco) em posição erguida, de alta escola, e fazê-lo arrastar deitado, penosamente, desde a praia, muito afastada das muralhas, para depois o erguer na acrópole, como cumpria.

E por aqui poderia continuar. Mas, dentro dos parâmetros que conduzem a minha apreciação, não me parece má esta versão cinematográfica. Talvez demasiado longa e estridente. Talvez demasiado seletiva nas omissões e invenções. Mas estas são também virtuosas, porque dão conta do mundo de angústias da atualidade que Odisseu carrega em seus ombros.

O filme é protagonizado de forma magistral por Matt Damon no papel do heróico rei Odisseu/Ulisses (versão grega e latina do rei de Ítaca). Numa entrevista à Reuters, Nolan falou sobre a forma como abordou esta história de grande envergadura [e cast: Anne Hathaway, Zendaya, Robert Pattinson, Tom Holland], e descobriu uma maneira de adaptar o texto para a tela de cinema.

A Odisseia tem bons sentimentos, mas verdadeiramente é insensível: sacrifica Sinon (omisso no poema homérico), sem sequer lhe dar a conhecer o ardil do cavalo (quando na literatura do ciclo épico arcaico se diz que aquele espião grego sabia bem ao que ia), e nem sequer verte lágrimas comovido (mais uma vez ao contrário do que diz o texto homérico) quando se vê reconhecido pelo seu cão, Argos. Invoca os deuses, fala com eles, mas a bem da verdade dispensa-os quando convém à narrativa: domina Circe (também esta demasiado apavorada) sem a ajuda de Hermes.

Sobretudo, vive transtornado pela barbárie produzida em Tróia, de que se sente responsável, tal como as “pessoas de bem”, quando veem o que se passa hoje em sua volta e como bombardeamentos arrasadores se tornaram banais, na continuidade de uma alameda de horrores iniciada em Guernica, Varsóvia, Dresden, Coventry... e no verdadeiro Armagedão terreno que representou o uso da bomba nuclear em Hiroxima e Nagasáqui.

Compreendem-se, e toleram-se, pois, os desvios à narrativa homérica, quando o efeito pretendido é o de introduzir presente no passado. A última viagem de Odisseu e de sua mulher, Penélope, por exemplo, para o mar ocidental, com o intuito de honrar os milhares de mortos que provocou, a começar pelos seus próprios guerreiros, constitui invenção pura, porque o relato da

Odisseia termina com o regresso a Ítaca.

É certo que Tirésias profetiza que Odisseu (sozinho, sem Penélope) haveria de realizar nova viagem, mas para dentro da terra, munido de um remo, até um povo que nunca tivesse visto o mar, onde lhe perguntariam se aquele remo era uma pá para joeirar o cereal – ocasião em que, então sim, podia descansar. Mas fica bem na nossa época e neste filme que a viagem seja novamente pelo mar, quicá até ao oceano (conforme também as construções renascentistas que colocam Ulisses na fundação de Lisboa), e que seja feita em casal (como em todo o “final feliz”), em doce enleio que concretize novo começo.

Talvez menos se tolerem os desvios que resultam de mera rendição aos modismos, ou melhor, às obsessões do tempo curto. Atena é bonita, mas pequena, frágil e “negra multirracial”. Helena, linda, mas desfigurada, e negra. Tudo o oposto de Calipso, uma mulher grande, bela, vigorosa... e branca, que lembra Raquel Welch como já a conhecíamos “Um Milhão de Anos antes de Cristo” (One Million Years B.C., no título original do filme de 1966).

Na realidade, pouco importa vê-las assim. Até Odisseu poderia, com vontade bastante, ser representado como negro. Bastaria esquecer o que em dado passo se diz do seu cabelo louro e reter somente a descrição de pele escura e cabelo crespo, sem atender ao contexto em que tal surge: depois de Atena o ter feito guerreiro destemido, crestado pela vida ao sol, abandonando a sua inicial condição palaciana. Enfim, faça-se tudo o que sirva as fantasmagorias do momento. Mas aceite-se que assim não somente se trai a narrativa antiga, como principalmente se lhe reduz sensaboronamente a consistência.

Vejamos: Atena é descrita como “mulher alta e bela, conhecedora dos mais gloriosos trabalhos” (Odisseia, Livro XIII), uma deusa que “vestiu a couraça de Zeus, armado para o combate... Lançou sobre os ombros a égide de franjas de ouro... Pôs na cabeça o capacete de ouro de quatro bossas, adornado com emblemas de uma centena de cidades...” (Íliada, Livro V). Era preta? Era branca? Era multirracial? Em rigor, não sabemos, embora seja lícito presumir que todos os deuses do Olimpo seriam criados à imagem e semelhança de quem os criou. Uma coisa é certa, porém: não era seguramente pequena e frágil!

Já de Helena, filha de Zeus e de Leda, “de beleza extraordinária”, mulher de Tíndaro, se diz que tinha “brancos braços”, como as outras congêneres (Hera, Nausícaa...). E a menos que de repente se passe a considerar que todo este universo helênico de deuses e heróis era composto por negros e multirraciais, não faz nenhum sentido representar dessa forma Atena, a Ária, ou Helena, a Bela, tanto mais que a beleza negra era reconhecida e celebrada, por exemplo, nos etoiles.

Em conclusão: sim, o Odisseu argivo e troiano é também o que melhor serve ao individualismo sem princípios, mas incomodado, deste século XXI. Como, de resto, já tinha servido aos gregos que resolveram reunir essas estórias de pastores antigas, inventando Homero, e sobretudo aos romanos, que as difundiram com marcada intenção política.

Repare-se que entre a Viagem dos Argonautas, com Jasão e a busca do Tosão de Ouro, dirigida para o Mar Negro, antes da Guerra de Tróia, e a viagem de Odisseu, há todo um mundo mitológico e histórico que muda: mais coletivo, mais pré-histórico, no primeiro caso, e mais individual, mais proto-histórico, no segundo. Jasão viaja acompanhado de heróis, seus pares (Hércules, Orfeu, Castor, Polux... e outros, no total 50); Odisseu com os seus guerreiros-marinheiros que pouco a pouco sacrifica, até ficar só.

E esta condição de herói solitário, angustiado de íntimo, mas implacável de fato, projeta em nosso tempo todas as nossas freudianas fantasias.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



José Sobral Neto e Gabrielle, donos do bistrô Grand Cru



Daniella Braide, Jacira Haickel, Paulinha Lobão, Tatiana Lobão, Cecília Raquel Teixeira, Daniela Fecury e Camila Fonseca

SUCESSO DO GRAND TASTING

As degustações de vinho na rede Grand Cru ocorrem periodicamente em eventos presenciais exclusivos, festivais ou encontros guiados por sommeliers e embaixadores de vinícolas. Há encontros como o Grand Tasting ou festivais regionais que reúnem rótulos selecionados de vários países.

Em São Luís o bistrô Grand Cru realizou provas guiadas no último sábado, com a apresentação de vários rótulos especiais, acompanhados por tábuas de queijos e embutidos para harmonização. Uma bela noite que teve a boa música da cantora Bruna Lussaray, acompanhada pelo seu pai, o guitarrista Marcus Lussaray.



Sobral Neto e o des. José Jorge dos Anjos



O Repórter PH entre Tatiana Lobão e Gabrielle Sobral



Daniella Braide, Paulinha Lobão e Cecília Raquel Teixeira



Gustavo Gama e Gabriele



Oton Lima com Gabi e Sobral Neto



Gabi Gama, Ana Karina Maia, Gabrielle Sobral e Vanessa Milbourne e Oton Lima



Lucas Quintas Lobão e Fernanda, Paulinha e Edinho Lobão, Tatiana e Jarbson Sousa



Ex-ministro Antônio de Pádua Andrade e Dani Braide



Daniela Fecury, Vinicius Moreira e Oton Lima



Ângela Fonsêca entre Vinicius Moreira e Paulo Fonsêca



Camila e sua mãe Ângela Fonseca



Oton Lima, o Repórter PH, Vanessa e Thiago Pires Ferreira



Grupo animado agitando a noite de degustação do Grand Cru



Lucas Quintas Lobão e Fernanda



Gustavo Gama, Sobral Neto e Edinho Lobão



Curadoria da exposição foi assinada por Yasmin Mariah Calisto Alves de Almeida, estudante da Parsons School of Design



EXPOSIÇÃO PROPÔS NOVOS OLHARES SOBRE A ARTE LATINO-AMERICANA

“Sombra & Sol” reuniu diferentes linguagens das artes visuais e convidou o público a refletir sobre memória, identidade, território e pertencimento

Uma experiência marcada pela arte, pela reflexão e por diferentes possibilidades de interpretação. Assim pode ser definida a exposição “Sombra & Sol – O Infamiliar na Arte Latino-Americana”, apresentada pelo Instituto Nacional de Artes dos Lençóis Maranhenses (INALMA), que propôs um mergulho poético e crítico em temas como memória, identidade, território e pertencimento.

Realizada nos dias 19, 20 e 21 de agosto, no Espaço Coworking do Departamento de Computação (DCOMP), no IFMA – Campus São Luís/Monte Castelo, a mostra reuniu diferentes linguagens das artes visuais contemporâneas em torno de uma proposta que buscou deslocar percepções já consolidadas e estimular novas formas de enxergar a experiência latino-americana.

A exposição trabalhou a partir de contrastes que atravessam a própria existência: luz e sombra, presença e ausência, reconhecimento e estranhamento, natureza e cultura. A partir de São Luís, no Maranhão, a proposta estabeleceu conexões com questões que fazem parte da realidade de diferentes territórios da América Latina.

Um dos conceitos centrais da mostra foi o “infamiliar”, tradução do termo alemão *Das Unheimliche*, trabalhado pelo psicanalista Sigmund Freud. A ideia parte justamente daquilo que parece conhecido, cotidiano e familiar, mas que, em determinado momento, revela uma dimensão estranha, inquietante ou inesperada.

Na exposição, esse conceito ganhou novas camadas ao ser relacionado às experiências latino-americanas, atravessadas por histórias de transformação, desigualdade, pertencimento, memória e relações com o território. O resultado foi uma mostra que não buscou oferecer respostas prontas, mas provocar perguntas e estimular o visitante a permanecer diante das ambiguidades.

Exposição teve curadoria de Yasmin Mariah

A curadoria foi assinada por Yasmin Mariah Calisto Alves de Almeida, estudante da Parsons School of Design, que também desenvolve trajetória ligada à pesquisa e à prática curatorial. A

coordenação-geral ficou sob responsabilidade de Eliana Rose Calisto Cunha, formada em Licenciatura em Artes Visuais pelo IFMA – Campus São Luís/Centro Histórico.

O trabalho curatorial teve como uma de suas principais características a aproximação entre o público e obras capazes de ultrapassar a contemplação estética. A intenção foi criar uma experiência em que cada visitante pudesse estabelecer suas próprias relações com os trabalhos apresentados, a partir de suas memórias, referências e experiências pessoais.

Nesse sentido, “Sombra & Sol” transformou o espaço expositivo em um território de encontros. Encontro entre diferentes linguagens artísticas, entre experiências individuais e coletivas e, sobretudo, entre aquilo que é reconhecido e aquilo que ainda causa estranhamento.

A proposta também colocou em evidência a capacidade da arte de revisitar narrativas e questionar aquilo que muitas vezes é naturalizado no cotidiano. Ao abordar questões relacionadas à memória e ao pertencimento, a mostra trouxe para o centro do debate as múltiplas maneiras pelas quais a América Latina constrói sua identidade, preserva suas lembranças e reinventa seus próprios significados.

Mais do que uma exposição, “Sombra & Sol” se apresentou como um convite à observação e à reflexão. Um exercício de olhar para o que está diante dos olhos, mas também para aquilo que permanece oculto, silenciado ou pouco percebido.

A iniciativa integrou as ações do INALMA voltadas à valorização da produção artística, à formação de público e à aproximação entre artistas, instituições e sociedade. A realização reforçou ainda o papel das artes visuais como ferramentas de memória, pensamento crítico e construção de novas narrativas.

Ao colocar São Luís como ponto de partida para uma discussão de alcance latino-americano, a exposição reafirmou a potência da produção artística contemporânea feita a partir do Maranhão e mostrou que, entre a luz e a sombra, existe um território fértil para a arte, para a memória e para novas formas de compreender quem somos.



Yasmin Mariah Calisto Alves de Almeida comemorou o sucesso da exposição “Sombra & Sol”

